**A TECNOLOGIA DO AFETO**

Agatha Costa Martins da Silva (Graduanda Pedagogia - Faculdade de Educação/UERJ - CNPq)1

Alessandra Silva de Oliveira (Mestranda – ProPEd/UERJ - CAPES)[[1]](#footnote-1)

*“Nós só pensamos e agimos a partir de afetos.”*

Baruch Spinoza

A epígrafe que abre esse texto mobiliza a escrita com o objetivo de apresentar reflexões sobre a importância do afeto no fazer pedagógico. Pensamos, agimos e nos subjetivamos sendo afetados e afetando outras pessoas. Por isso, argumentamos que esses afetos desempenham um papel crucial na formação integral dos estudantes. Como ponto de partida trazemos as definições do termo “afeto” presentes no Dicionário de Português[[2]](#footnote-2): sinônimo de [amizade](https://www.dicio.com.br/amizade/), [amor](https://www.dicio.com.br/amor/), [afeição](https://www.dicio.com.br/afeicao/), [admiração](https://www.dicio.com.br/admiracao/) e deriva-se do verbo afetar. Etimologicamente, a palavra “afeto” vem do latim "affectus,a,um", tomado por sentimentos, comovido. A partir da etimologia do termo “afeto”, apresentaremos o tema tendo como base duas abordagens distintas: primeiramente, pela visão da professora estadunidense, ativista social, antirracista e escritora contemporânea 3bell hooks, Em seguida, os apontamentos de Gomes e Silva Júnior (2013) e Imianowsky e Vitória (2020), autores que têm produzido reflexões sobre o pensamento de Baruch Spinoza, filósofo racionalista holandês, que no século XVII, com a sua teoria dos afetos, teve importante relevância para o pensamento filosófico, particularmente, em relação às questões concernentes à ética, metafísica e epistemologia.

bell hooks (escrito em minúsculas) desenvolveu importantes reflexões sobre o afeto para pensarmos as práticas pedagógicas. Em seu livro *Ensinando a transgredir, a educação como prática da liberdade,* a autora assume uma perspectiva social e cultural sobre o afeto e o amor no âmbito educacional (hooks, 2013), quando analisa formas pelas quais as práticas pedagógicas podem ser desenvolvidas em um ambiente multicultural. Para a autora o afeto está intimamente ligado às relações humanas, especialmente, às formas pelas quais nos relacionamos uns com os outros em contextos de opressão e resistência. Nessa perspectiva, as contribuições de hooks (2013) têm sido produtivas para pensar nas práticas pedagógicas mais libertadoras, contrapondo com as práticas de ensino que mantém dinâmicas opressivas que constituem as formas de pensar a escola, as quais se naturalizaram ao longo do tempo.

No livro *Tudo sobre o amor*, a autora apresenta um ponto relevante acerca das lições do amor na infância. Para hooks (2020) a melhor definição do amor é aquela que nos faz pensá-lo como ação. A autora enfatiza a importância do amor como uma prática política e como uma força transformadora que pode subverter estruturas de dominação, e segue nos ensinando que o afeto é um dos ingredientes do amor, que o ato de amar é uma junção de elementos, como o carinho, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta.

De acordo com hooks (2020) a família é o lugar em que as emoções e os sentimentos se desenvolvem inicialmente, pois trata-se de nossa primeira escola de vida, onde as primeiras interações sociais têm lugar. Interações que se iniciam e seguem nos subjetivando ao longo da vida, que nos formam como pessoas. Sendo assim, depois da família, a escola é o ambiente em que o processo de socialização tem continuidade. Mas precisamos pensar a escola para além da dimensão cognitiva.

Pensamos educação como processo de desenvolvimento pleno das pessoas, e corroboramos com hooks (2013, p. 17) quando a autora afirma que “na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros”. Uma afirmação que nos permite concordar que a sala de aula deve ser um ambiente afetuoso e acolhedor cabendo ao professor criar um ambiente em que todos devem ser valorizados em sua singularidade.

Com hooks (2013) defendemos a sala de aula como espaçotempo de descoberta e de libertação, em que, como pura diferença (Macedo, 2014), cada sujeito possa tornar-se o protagonista de sua história de vida, de suas relações e seus desejos. A autora propõe uma mudança de paradigma ao defender o afeto como condição para o acolhimento de todos como seres singulares. hooks afirma ainda que devemos pensar a sala de aula como lugar de transgressão necessária para que cada aluno possa ser pleno, mas para que isso aconteça ela precisa se constituir como ambiente seguro e entusiasmado, que possibilite a cada um outras formas de ser e estar no mundo (Pereira, 2019).

As reflexões da autora alertam para a importância do afeto no processo de socialização dentro e fora da escola. Poder receber e demonstrar afeto. Poder expressar sentimentos e, consequentemente, afetar outras pessoas, adultos e/ou crianças que não puderam ter possibilidade em família de desenvolver a afetividade. Porque, como lembra Amaral (2021), se afetos positivos podem potencializar a existência humana, afetos negativos podem destruir essa potência de existir. Um alerta que nos ajuda a compreender os efeitos que o desamor, a negligência e a violência podem causar no desenvolvimento de uma criança.

As contribuições filosóficas de Spinoza acerca da teoria dos afetos, produzidas no século XVII, continuam mobilizando reflexões na contemporaneidade. Passamos a apresentar algumas apropriações que têm sido potentes para pensar a importância do afeto na produção de práticas pedagógicas mais acolhedoras e inclusivas.

Iniciamos com Gomes e Silva Júnior (2013) que fazem referência a obra intitulada *A Ética*, em que Spinoza trata do afeto como um dos pontos centrais para entender a natureza humana e a realidade. Os autores afirmam que para Spinoza a ética é a exaltação da alegria que nos conduz à ideia adequada de nós mesmos e de Deus. Segundo Gomes e Silva Júnior (2013) é possível interpretar que para Spinoza afeto é entendido como estado de um corpo e mente que refletem o poder de agir ou a capacidade de ser afetado por outros corpos e ideias. De onde concluem que Spinoza concebe uma conexão indissociável entre corpo e mente a partir da qual nos constituímos e agimos no mundo.

Aqui, mais uma vez, retomamos a ideia de que afetos positivos podem ser potentes e, na compreensão de Spinoza, tendem a produzir mais alegria, contribuindo para um mundo mais ético.

Por sua vez, Imianowsky e Vitória (2020) corroboram com Gomes e Silva Júnior quando afirmam que para Spinoza corpo e mente estão interligados. Os corpos se encontram e a mente forma a ideia daquilo que o corpo encontrou. O que nos leva a concluir que, quando somos afetados positivamente, ou seja, quando os encontros são bons e produtivos, eles aumentam a nossa capacidade de existir, a isso Spinoza chama de aumento do *conatus*. Em contrapartida, os afetos negativos destroem a potência de existir. Quando há encontros negativos, o *conatu*s tende a diminuir.

Essas contribuições têm orientado nossas pesquisas. Nelas buscamos pensar como o afeto pode orientar as práticas pedagógicas, considerando, como dissemos anteriormente, que mais do que espaçotempo de desenvolvimento das habilidades cognitivas, a escola também desempenha importante papel no desenvolvimento integral das pessoas. Instituição que precisa promover sentimentos e valores como respeito, solidariedade, justiça e responsabilidade social.

Pensamos a escola como espaçotempo de trocas, de interações entre professores e estudantes. Interações que fluem e que, em um ambiente acolhedor, podem produzir relações afetivas significativas, que possam contribuir para o desenvolvimento emocional e social das pessoas envolvidas (professores e estudantes). Isso não se faz sem afeto positivo, sem a organização de espaçostempo de trocas afetivas, em que corpos se encontrem em um ambiente em que possam produzir alegrias.

Acerca da afetividade e da cognição, Piaget (1976) afirma que a criança descobre a afetividade através das suas trocas, desenvolvendo sua personalidade. Para o autor, o afeto é essencial para o funcionamento da inteligência, pois, “não existem afeições sem um mínimo de compreensão” (Piaget, 1976, p. 16).

Pensamos então afetividade e cognição como dimensões mutuamente relacionadas. A dimensão afetiva está intrinsecamente ligada ao pensamento e ação do indivíduo no mundo, às formas pelas quais os sujeitos percebem e se localizam no mundo (Imianowsky; Vitória, 2020).

Nessa perspectiva, podemos pensar no sentido etimológico do verbo em latim *apprehendĕre,* que também pode ser entendido como “levar para junto de si”, (*ad*, “junto”, mais *prehendere*) (Cunha, 1982). Trazemos para perto de nós aquilo que nos afeta (Derrida, 2006).

Com hooks (1999; 2013) pensamos a sala de aula como uma comunidade em que o docente tem papel central ao valorizar e respeitar cada aluno como ser singular, a ele/a cabe organizar o espaço físico e as atividades pedagógicas de forma que cada um possa ser reconhecido e acolhido como pura diferença (Macedo, 2014), de forma que todos e todas tenham a oportunidade de se expressar. De serem vistos e ouvidos.

Cabe a ele/a organizar o trabalho pedagógico baseado em uma comunicação efetiva e sensível, criando oportunidade para que cada estudante se afete positivamente. Pois, como afirmam Borges e Lopes (2021), as emoções, os sentimentos e os afetos são forças mobilizadoras na construção de significados e na formação de identidades coletivas.

Embora bell hooks e Spinoza estejam separados por séculos e contextos históricos bastante distintos, apresentam ideias que podem ser consideradas semelhantes no que diz respeito ao afeto, especialmente no que tange ao impacto das emoções nas relações humanas e na formação da sociedade, logo, os processos pedagógicos, potencializando o desenvolvimento humano para além da dimensão cognitiva.

Spinoza oferece uma perspectiva mais individual que nos faz refletir sobre como cada um de nós vive o afeto. Por outro lado, bell hooks propõe uma abordagem mais coletiva e política, centrada nas relações sociais, no cuidado e na transformação social.

Em uma sociedade estruturalmente hierarquizada, a discriminação racial, social e de gênero está presente no cotidiano, portanto, assumir uma postura crítica frente a essa realidade deve pressupor um ato de afeto e de cuidado para com o outro. Nessa perspectiva, ensinar e aprender não podem ser entendidos apenas como dimensão técnica desconectada das dimensões culturais, emocionais e políticas. Tencionar as tecnologias de poder, que sustentam exclusões, implica organizar o trabalho pedagógico de forma que essas dimensões, presentes em todas as ações humanas, estejam articuladas.

Ao compreender e valorizar os afetos no ambiente escolar, podemos enriquecer significativamente a experiência educacional, promovendo um ambiente mais acolhedor, seguro, inclusivo e eficaz para todos os envolvidos. Trata-se de assumir afeto como ação coletiva comprometida com a construção de um mundo em que caibamos todos e todas.

**Referências**

AMARAL, G. A. M. Espinoza e o sistema dos afetos, uma breve introdução ao Livro III da Ética. **Pólemos**. Universidade de Brasília. v. 10, 2021. ISSN: 2238-7692.

BORGES, V.; LOPES, A. C*.*Por que o afeto é importante para a política? Implicações teórico-estratégicas.**Revista Práxis Educacional***.* v. 17, 2021. pp. 114-135. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.8939>.Acesso em: 19:04/2024.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GOMES, L. G. N.; SILVA JÚNIOR, N. da. Experimentação política da amizade a partir da teoria dos afetos de Espinosa. **Cadernos Espinosanos**. XXVIII. USP. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/81266>. Acesso em: 19/04/2024.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade.São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

IMIANOWSKY, A. G.; VITÓRIA, C. A. Psicologia e afetividade em Espinosa: uma revisão crítica sobre o uso da teoria dos afetos**.** **Revista de ciências humanas**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 54, 2020. e 67929. ISSN 2178-4582. Disponível em: <https://vlex.com.br/vid/psicologia-afetividade-em-espinosa-876189401>. Acesso em: 20/04/2024.

MACEDO, E. Currículo, cultura e diferença. In: LOPES, A. C.; De ALBA, A. (Org.). **Diálogos curriculares entre Brasil e México.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 83- 101.

PEREIRA, T. V.Ensino remoto não é ensino! O que está sendo significado como “ensino”? **RBE-Anped**, v.28, p.e280017 - , 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/hgGTq54TfDjsn8nHgKnc4JK>. Acesso em: 20:04/2024.

1. Pesquisa realizada com o apoio do CNPq, da FAPERJ e do Programa de prociência da UERJ. [↑](#footnote-ref-1)
2. AFETO in DICIO, **Dicionário Online de Português.** Disponível em: [https://www.dicio.com.br](https://www.dicio.com.br/afeto/). Acesso em 25/04/2024.

3 bell hooks, pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem a sua avó, como forma de trazer a sua ancestralidade para a sua experiência feminina e negra. O nome com grafia minúscula é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks desejava que suas obras e seu legado tivessem mais ênfase do que seu nome. [↑](#footnote-ref-2)